

Entre Afetos e Despedidas: as cartas enquanto ponte para a travessia

Between Affections and Farewells: the letters while bridge to the crossing

Débora Moisés Duarte; Isabella Silva de Almeida

Associação Saúde da Família; Universidade de São Paulo

RESUMO:

Vivenciar a despedida enquanto possibilidade de resignificar encontros e se disponibilizar para caminhos a serem desbravados é um processo desafiador e de compromisso ético com aquele que fez parte do ciclo que se encerra. Nesta experiência, cartas intermediaram o tempo do encerramento do ciclo de trabalho da “remetente” com os “destinatários”, usuários de um Centro de Atenção Psicossocial álcool e outras drogas (CAPS AD); cuja entrega cuidadosa e atenta foi realizada pelo “pombo correio”. Esta vivência, portanto, permitiu ir além do distanciamento concreto, dado pela ausência dos encontros que deixaram de ser cotidianos, e possibilitou a reiteração do afeto compartilhado no interin das relações que se estreitaram ao longo do cuidado co-produzido para além dos muros que costumam ditar as relações em instituições de saúde.

Palavras-chave: carta; cotidiano; saúde mental

ABSTRACT:

To experience the farewell as a possibility to resignify meetings and to become available for paths to be cleared, is a challenging process and of ethical commitment with the one who was part of the cycle that ends. In this experience, letters intermediated the closing time the work cycle of the "sender" with the "addressees", users of a Psychosocial Attention Center for alcohol and other drugs (CAPS AD); whose careful and attentive delivery was carried out by the "carrier pigeon". This experience, therefore, allowed to go beyond the concrete distance, given by the absence of meetings that are no longer daily, and enabled the reiteration of the shared affection of the relationships that have narrowed along the co-produced care beyond the walls that usually dictate relations in health institutions.

Key-words: letter; daily life; mental health

“Querido Gavião-Real¹,
Gostaria de ter lhe encontrado para me despedir, mas infelizmente não foi possível.
Então, quero deixar meu carinho por escrito, e com ele, um forte abraço.
Depois de 5 anos no CAPS AD, tive que trilhar outros rumos para minha vida. Estarei
por perto, ainda no mesmo território, e não esquecerei os momentos tão grandiosos que
passei por aqui. Você também estará nessas lembranças!

Eu desejo que você encontre forças e coragem para olhar para o homem forte que você é. Que conte com o CAPS AD para dividir as angústias da vida, e que continue conquistando o carinho ao seu redor, com alegria e companheirismo, sem deixar de ser o seu próprio melhor amigo.

Obrigada pelo tempo em que estivemos juntos nessa jornada!

Com carinho,
Remetente”

Primeiras Notas

Despedir-se de um lugar, de alguém, ou mesmo de um tempo costuma ser um caminho intenso a se enfrentar. Às vezes, corre-se o risco de evitar tal caminho: deixando de ir para não ter que se despedir, ou mesmo fantasiando que a despedida não precisa existir e assim, não olhar o que se vai. Compreender a despedida a partir da perspectiva do caminho a ser retomado (RIMBAUD, 2015) possibilita experimentar reencontros que deixaram marcas e disponibilizaram estradas a se descobrir.

Na experiência desse relato, houve o desejo - e a oportunidade - de “viver o caminho da despedida” com afeto e compromisso ético para fechar o ciclo de relações que se estabeleceram a partir do sofrimento confiado àquele que se vai.

Safra (2004) explica que a travessia da vida somente é possível pela presença do outro “no encontro originário que possibilita o sentido de si mesmo”. Segundo o autor, “é preciso ser, para então desejar e relacionar-se” (SAFRA, 2004: 40).

Este texto foi escrito a quatro mãos e envolveu percepções de muitos encontros. Encontros estes feitos por intermédio de cartas no momento de encerramento do ciclo de trabalho da aqui denominada “remetente”. Os destinatários foram alguns usuários de um Centro de Atenção Psicossocial álcool e outras drogas (CAPS AD) que, ao longo do processo de trabalho desta profissional, estiveram no encontro e na produção de cuidado.

As outras duas mãos são as do “pombo correio”, assim denominamos a quem intermediou a entrega das cartas aos usuários. Entre “remetente” e “pombo correio” havia uma parceria construída no cotidiano desse processo de trabalho, que partilhava a crença nos afetos. Afetos estes que nos movem, que nos impulsionam ao encontro, que permitem viver e rever práticas de cuidado em saúde, onde a potência do outro é combustível renovável a cada encontro, a cada reflexão.

Além das mãos visíveis e operantes nesta escrita, houve as mãos que impulsionaram, como naquele primeiro empurrar em um balanço, para ganhar altura e

velocidade e possibilitar um movimento contínuo, que se mantém e produz balançar. Essas mãos são do coletivo presente no ciclo de encontros “O devir escrita da vida nos serviços de saúde”, realizado nos meses de setembro e outubro de 2017 na Faculdade de Saúde Pública da USP, proposto pelo grupo de trabalho Subjetividades Contemporâneas da ANPEPP (Associação Nacional de Pesquisa e Pós-graduação em Psicologia) a profissionais de saúde.

As cartas, então, foram recursos, meio, instrumento, como descrito por Najjar (2012):

Como meio de comunicação, a carta desperta vivências singulares. Escrever é uma atividade que demanda o silêncio inicial do mergulho para dentro da subjetividade. O silêncio de quem se cala para ler seus pensamentos, recordações, sonhos, projetos e sentimentos. O silêncio de quem se recolhe para poder se aproximar do outro. Exige organizar em símbolos o conteúdo dessas vivências. Pede tempo e espaço, mas não se limita àqueles impostos pela realidade externa.

Escrever uma carta permite viajar, ancorando nos portos da realidade, ou voando a bordo dos sonhos e da imaginação. No campo dos paradoxos, escrever uma carta é dialogar com o outro e consigo mesmo. É ser o remetente e o destinatário. Um ato solitário, que já traz em si o encontro. Um ato de criação. (NAJJAR, 2012)

Remetente e Destinatários

“Mandar, enviar. Entregar-se”

“Aquele a quem se destina ou se remete algo”

(Aurélio Dicionário)

A relação entre remetente e destinatários se inicia desde os primeiros meses da construção do cuidado nesse serviço, a partir do rol de ofertas terapêuticas, entre elas no registro em fotografias e escritos de vivências e situações de um cotidiano de vida e cuidado.

No entanto, foi em uma das oficinas desse serviço, Oficina do Jornal do CAPS, o "Jornal CAPS Brasa", que nasceu a relação de produção de significados. Tal produção se dava a partir da discussão de temas do cotidiano vivenciado, vivido pelos participantes, fosse do cenário do CAPS AD propriamente dito, ou das questões em pauta no bairro e na sociedade como um todo. A partir do levantamento de temas, discussões e decisões tomadas em conjunto, construía-se um relato registrado de modo individual ou coletivo para, finalmente, compor o impresso bimestral em formato de jornal.

Fez-se, então, comum a relação com os usuários do serviço, permeada por registros de suas opiniões e propostas. Assim como o retorno de alguém após meses ou anos distante do CAPS AD, fazendo elo "da edição em que havia parado o jornal", como ponte de sua marca na história desse serviço.

Não foi, portanto, de modo isolado que no momento da despedida, quando não houve o encontro para se dizer o "até breve", que surge o desejo de escrever as cartas. Não foi difícil brotar as palavras que expressavam tudo aquilo que se tinha a dizer para cada um daqueles a quem se destinavam os escritos sobre lembranças, sentimentos e afetos que mobilizaram o contato durante o período em que angústias e alegrias foram compartilhadas. Era como se houvesse uma liberdade maior que aproximasse os atores envolvidos naquele papel, diferenciando o *setting* do contexto micro e macropolítico no dia a dia do serviço de saúde:

"(...) lembro de quando demos uma volta ao redor do CAPS, junto com a Arara Azul, e você contou que este tinha sido o seu melhor atendimento. Para nós também foi; porque você se sentiu respeitado e falou sobre seus planos, como querer trabalhar. [...] espero que você continue falando sobre seus sonhos, coisas que te fazem bem, e te interessam (...)" (Carta ao Sabiá Pimenta.)

Trecho da carta escrita ao Sabiá Pimenta, um rapaz que buscou o CAPS AD devido ao uso abusivo de crack após prometer ao irmão - em leito de morte - que iria se cuidar. Era claramente notável o quanto ele se esforçava para estar naquele lugar onde não se reconhecia, e enfrentava intensamente a desvalorização da família que não conseguia escutá-lo e vê-lo para além do consumo de crack, exigindo sua permanência no CAPS AD como uma criança que vai à creche.

Essa proximidade proporcionada pelas cartas enquanto instrumento facilitador é citada por Mamede (2006: 119) quando as compara com uma ponte, que diminui a distância entre um mundo do qual não se faz parte daquele no qual há humanidade e pertença, chegando a nos aproximar de nós mesmos, para então nos aproximarmos do outro. Talvez tenha sido essa a função das cartas também para quem as escreveu, ainda que se tratando de uma mudança necessária, mesmo que dolorida e saudosa, como quando se escreve a Mãe-da-Lua:

"... não vou esquecer o quanto você sempre foi atenta a nós, profissionais, mas também a nós, mulheres! Você foi porta voz, em muitos momentos, das angústias e direitos violados que nós, mulheres, tanto enfrentamos. Obrigada, querida!"

Mãe-da-Lua foi uma mulher que protagonizou importantes discussões nas Assembleias do CAPS AD, por trazer à tona reflexões sobre o lugar ocupado pela

mulher nas cenas de uso de drogas e circulação pelas ruas sombrias da cidade. Em meio a suas dores físicas; ao uso do álcool e do crack; às violências e abusos sofridos na rua; ao pensamento que se acelerava; à tristeza pelo afastamento dos familiares, do não poder, não conseguir estar fisicamente próxima das netas, não deixava de seguir. Era rotineiro chegar ao CAPS maquiada e elegante sobre um salto alto, vestida de um colorido que nos chamava a atenção, reparando com delicadeza (principalmente) as outras mulheres que encontrava pelo caminho. Posicionou-se contrária às opiniões e expressões violentas e sexistas nos espaços coletivos desse cenário ocupado pela presença masculina esmagadora.

Assim também aconteceu na carta escrita ao Saudade-de-asa-cinza, um homem jovem, que fazia parte do Programa De Braços Abertos² e trazia consigo a sensível habilidade da escrita poética, dedicando rimas musicalizadas em diversas situações que o mobilizavam. Diante do anúncio da despedida na Oficina do Jornal, Saudade-de-asa-cinza escreveu um poema ritmado para a edição que encerraria um ciclo de cinco anos desta oficina:

“Prestem atenção
Olha a novidade
Apresento pra vocês
É o Jornal do CAPS
São quase cinco anos
Olha que legal
Temos que fechar
Com edição especial
Para a doutora Remetente
Uma salva de palmas
Que você seja feliz
Em sua nova caminhada
'Fica' reportagens na memória
'Teve' os usuários fazendo sua história
Visita em Museu
Putaque pariu
Conheci a ditadura do nosso Brasil
E pra fechar
Fecho com emoção
Nós vamos viver com a paz e a união”

Em sua carta, aparece o gosto musical compartilhado entre quem cuida e quem é cuidado – considerando estes papéis como uma relação constantemente dinâmica - com a riqueza de detalhes e indicações que se davam nos encontros cotidianos:

“(...) espero que você esteja bem e dando espaço para o valor que tem a escrita em sua vida. Essa é uma habilidade linda que você tem: conseguir cuidar dos

sofrimentos, afetos e alegrias, com caneta, ideias e papel. [...] vou citar uns versos cantados pelos caras do Nação Zumbi. Você os conhece? [...] imagino que além dos Racionais MC's, esse será mais um gosto que vamos compartilhar:

'que provando os sabores e odores / dos melhores momentos / não sejam em vão / guardados na cabeça / os rastros do tempo / deixados ali no chão... / ... a carne é fraca / e o corpo / uma ilha a procura do sol'."

As cartas contaram com a delicadeza de compartilhar a nova empreitada profissional - sem deixar de lado as emoções e sentimentos que a mudança provocava. Além de provocarem movimentos também naqueles sujeitos que as receberiam, já que situações ou aspectos que percorriam suas histórias de vida e, portanto, seus projetos terapêuticos singulares eram citados nos escritos que traduziam a proximidade vivida em algum momento de seus itinerários de cuidado e de vida no CAPS AD (GERHARDT, 2006). A continuidade desse movimento tende a agregar outros atores que, a partir desse momento, ressignificariam essas relações.

Da carta enquanto ponte que apropria sujeitos de seus afetos e histórias de vida, seguimos a ponte que promove também continuidade com aquele que chega novo para compor a relação, aquele que vai, aquele que a atravessa levando consigo marcas que jamais serão apagadas. Entoando a canção que o outro começou; agregando novos rumos e sentidos, como canta Milton Nascimento:

"Mas quem ficou, no pensamento voou
Com seu canto que o outro lembrou
E quem voou, no pensamento ficou
Com a lembrança que o outro cantou".

Pombo-Correio

“Pessoa que leva mensagens ou informações de um indivíduo a outro”

“Mensageiro”

(Michaelis Dicionário)

Entremeios. Dar e receber. Uma função?

A escolha das cartas para esse processo de despedida, de um percurso de trabalho, trouxe a necessidade de um mensageiro, um interlocutor que além de fazer o ato da entrega, pudesse acolher e de alguma forma fazer um registro desse momento.

Como fazer chegar a cada um a carta? Como mediar a troca de afetos?

Um carteiro? Pelo correio? A que endereço endereçar?

Dessa forma, surgiu o pombo-correio, pombo-pessoa, pombo-profissional, pombo-colega, instigado pelo desejo em colher os afetos disparados nesse encontro da entrega.

Coube, então, ao pombo correio pensar e decidir o melhor contexto e local para esse momento que por si só já trazia um ineditismo e uma singularidade à rotina desse serviço de saúde. No leito hospitalar, no espaço coletivo, em algum espaço do CAPS, na calçada, no domicílio? A cada um foi pensado, agenciado o melhor momento, no qual fosse possível fazer a entrega.

Por vezes, escolheu-se uma sala em que, de modo mais privativo, pudesse ser feita uma introdução, uma aproximação para então fazer a entrega; fez-se necessário introduzir um contexto, propor um certo sentido àquele encontro. A outros, foi no encontro marcado, já que não tinham mais a rotina de estar no serviço. Para outros foi no encontro repentino, embaixo da sombra da árvore, que por ora parecia acolher aquele momento. Teve também aquele que recebeu em seu leito, em meio aos adoecimentos do corpo. E teve o que não aceitou receber, pois em meio aos seus sofrimentos não havia espaço para essas lembranças emergirem.

Ao entregar a carta ao destinatário, foi possível registrar reações e sensações.

Foi gradual.

Escolher o local. Chamar o destinatário ou ir até ele. Dizer da intenção da entrega. Entregar a carta. Observar as expressões, o corpo. A mão que pega, que abre o envelope. O olhar que se depara com as palavras escritas. A leitura silenciosa, a leitura compartilhada, a leitura ouvida. As expressões que surgiram (sorriso, timidez, rubor, olhos desviados, olhos encontrados). A cabeça que balançou assentindo, concordando, discordando, rememorando. O corpo que se fechou, que se abriu, que desejou um abraço, que desejou guardar para si aquele momento, aquelas palavras. Sorrir. Marejar os olhos. Abraçar. Agradecer. Finalizar. Continuar conversando. Se despedir. Sair.

A leitura da carta foi feita de diversos modos. Alguns escolheram fazê-la só, em um momento que fosse só seu; outros pediram para que o pombo correio a lesse, outros escolheram ler no silêncio desse outro, dando ao pombo correio um tom de espectador e apreciador das expressões advindas dessa leitura silenciosa.

A cada letra lida, suspiros se misturavam a exclamações de concordância, de resgate de uma lembrança, revisitando a si mesmo e aos encontros vividos, ao que o outro/remetente escolheu como marca, como importante a ser escrito, ser lembrado, registrado. Memórias que se reconstituíram a partir da descrição de trejeitos e modos de

ser. Ali estavam histórias de vida atravessadas por chegadas e partidas e pela importância dos encontros nesse percurso. Também foi possível criar, compartilhar a música, cantar junto.

Houve o ineditismo do receber uma carta, uma primeira vez sendo destinatário de palavras escritas permeadas de história e afeto. Sentir-se importante a um outro, que compartilhou de sua história e de seu cotidiano. Confidenciadas nas palavras escritas e destinadas. O papel, as palavras escritas, trouxeram à tona a concretude do afeto.

Enquanto pombo correio foi possível sentir a partir do que o remetente sentia, e ter outra dimensão do sentir. Foi possível acolher e ser interlocutor da gratidão, de uma resposta, da promessa de uma resposta/interlocução que não chegou, da expressão do que poderíamos denominar felicidade. Houve aproximações, relações ressignificadas pelo ato/encontro daquele momento de entrega.

Entre a entrega e o receber coexistiu a possibilidade de expressar o que se sente e experimentar o sentir.

Notas Finais

“As cartas são veículos por excelência da intimidade, estão além da imagem, são conversa com o outro sem vaidade. E, quando nos pomos além da vaidade, criamos. E ao criar, reverenciamos o outro, fundamentalmente.”
(SILVEIRA, 1995: 9)

As cartas atuaram enquanto recurso que proporcionou a participação de sujeitos que de modo geral estão impedidos de compor uma história - ainda que esta seja sua própria história de vida. Retratos. Ao participar da experiência estética, há a aproximação da humanidade do sujeito com o outro, possibilitando o acontecer humano (SAFRA, 2004). Elas retrataram o afeto vivenciado, que ganha significados diversos para aqueles que as leem e experimentam o reencontro com tais experiências descritas.

Citado por Mamede (2006), Safra lembra que "nós somos a reunião de muitos". Muitos dentre nós: aquele sujeito que provocou o registro escrito, aquele que escreveu e deixou o melhor de si em palavras, aquele que entregou com a sensibilidade de respeitar e capturar o momento do afeto recebido, aqueles que chegarão para compor a relação que se reinventou ao atravessar a despedida... Juntos, somos muitos a pertencer a diversas histórias sobre nós mesmos.

A despedida pode sugerir distanciamento, até mesmo do cotidiano que passa a não ser mais compartilhado com tamanha intensidade. Entretanto, essa experiência

transbordou o distanciamento que traduz a presença propriamente dita, mas possibilitou a proximidade que se estabelece por meio do afeto compartilhado, do sentimento revelado com ética e responsabilidade, sem os muros que costumam ditar relações em instituições.

Como uma fotografia que captura o que se viveu, as cartas se tornaram o registro de um longo percurso desde os primeiros sentimentos que mobilizaram a escrita ao recebimento, leitura e significados que cada uma ganhou de seus destinatários.

Teceu histórias, de si, do outro, do nós, do que foi comum na experiência entre remetente-destinatário-pombo correio.

Esta experiência também fez emergir alguns analisadores sobre o processo de trabalho e sobre esse serviço, o CAPS AD. Trouxe indícios afirmativos dessa ser uma clínica do encontro e da produção de afetos, permitindo a nós reconhecer a intensidade do encontro, dos encontros na produção do cuidado. Apontou a potência que o encontro tem em revisitar histórias, tanto a trazida, a que vem no bolso, no corpo, quanto a construída ali naquele cotidiano. Permitiu o ato altero de estar com e diante do outro, transgredir as marcas de rupturas já vividas e construir o caminho do ir em frente, representado pelo encerramento do processo de trabalho da profissional neste serviço. Reiterou esta ser uma clínica das possibilidades, que, mesmo com os desmedidos atravessamentos institucionais, que pouco consideram ou garantem esse lugar da despedida, do fechamento, foi possível não romper. Por fim, trouxe o interesse em aprofundar compreensões sobre o afeto nas relações produtoras de cuidado e o que permanece mesmo quando da ausência do encontro.

Referências

- GERHARDT, Tatiane Engel. Itinerários terapêuticos em situações de pobreza: diversidade e pluralidade. *Cadernos de Saúde Pública*. Rio de Janeiro, vol.22, nº 11, p. 2449 – 2463, novembro, 2006.
- NAJJAR, Ana Maria Seraidarian. Quando o carteiro não chegou: O fenômeno transicional no filme ‘Central do Brasil’. *Anais do II Encontro sobre Psicologia Clínica*. 2012. Disponível em: http://www.mackenzie.br/psico_2encontro_psi_clinica.html, acessado em 18 de janeiro de 2018.
- MAMEDE, Margarida C. *Cartas e Retratos: uma clínica em direção à ética*. São Paulo: Altamira, 2006.
- RIMBAUD, Arthur. *Uma temporada no inferno*. Tradução de Paulo Hecker Filho. Porto Alegre, RS: L&PM, 2015.

SAFRA, Gilberto. *A po-ética na clínica contemporânea*. Aparecida, SP: Ideias e Letras, 2004.

SÃO PAULO. Secretaria Municipal de Saúde. O Programa de Braços abertos. Disponível em: <https://www.prefeitura.sp.gov.br/cidade/secretarias/upload/saude/DBAAGO2015.pdf>, acessado em 18 de janeiro de 2018.

SILVEIRA, Nise da. *Cartas a Spinoza*. 1995.

Débora Moisés Duarte
Associação Saúde da Família.
E-mail: debora.duartee@gmail.com

Isabella Silva de Almeida
Faculdade de Saúde Pública/ Universidade de São Paulo.
E-mail: isa.almeida@usp.br

¹ Todos os nomes dos destinatários e demais atores são fictícios. Foram escolhidos nomes de aves brasileiras ameaçadas de extinção, principalmente pela destruição das áreas florestais e da caça indiscriminada.

² O Programa "De Braços Abertos" foi criado pela Prefeitura Municipal de São Paulo em 2014, visando garantir o cuidado de usuários de crack em situação de vulnerabilidade social em serviços abertos, com acesso à saúde e atendimento humanizados, sob a lógica da política de Redução de Danos de Adultos, Crianças e Adolescentes e de acordo com os preceitos da Reforma Psiquiátrica e do Programa Nacional de Humanização. (SÃO PAULO, SMS, 2014)